

# Lula fica na presidência para evitar disputa no PT

ANC Pág. 3

JORNAL DO BRASIL

15 JAN 1987

São Paulo — Não deverá haver mais disputa pela presidência do PT, no próximo encontro nacional do partido (29, 30 e 31 de janeiro): apesar de sua disposição de abandonar o cargo, o atual presidente, Luís Inácio Lula da Silva, será reconduzido ao posto. "Ele não quer, pois gostaria de se dedicar mais à Constituinte, mas é um homem de partido, que faz o que for melhor para o PT", disse o vice-presidente Jacó Bittar.

Na verdade, o recuo de Lula se deve à possibilidade de uma violenta disputa interna com a existência de uma corrente "classista" e outra chamada de "intelectual", que tem o apoio dos setores "progressistas" da Igreja Católica. "Se o Lula não for candidato, eu concorro em qualquer hipótese", diz Jacó Bittar, um dos mais destacados representantes da tendência "classista".

Bittar confirma que o único nome do consenso dentro do PT é o de Lula, na medida em que todas as correntes abrigadas no partido o aceitam como presidente. A disputa dentro do PT, desta forma, deverá se restringir à secretaria geral, o segundo cargo em importância, deixada vaga desde dezembro pelo professor Francisco Weffort. A corrente "classista" quer ver no cargo ou Bittar ou o sindicalista e deputado gaúcho, Olívio Dutra.

Se a corrente "classista" conseguir fazer a secretaria-geral, sua hegemonia dentro do PT ficará decisivamente consolidada. Até então os "intelectuais" estavam bem representados na cúpula partidária, na medida em que detinham o cargo de secretário-geral, enquanto que os "classistas" — sempre majoritários nas bases — ficavam com a presidência e a vice-presidência.

A diferença entre as duas mais fortes correntes dentro do PT está na visão tática da conjuntura política, segundo o próprio Jacó Bittar. "Eu não acho que o PT deva ter uma alternativa para o governo, e sim uma alternativa para o poder", afirmou o sindicalista. Na visão do "classista", na Constituinte, a bancada petista não deveria fazer acordos com outras bancadas, mas sim utilizar os movimentos sociais (greves, ocupação de terras etc.) para pressionar o Parlamento.

Os "intelectuais" e os setores da igreja no PT consideram o momento atual "privilegiado" para o partido começar a "fazer política", trabalhando numa linha mais conciliatória, buscando conquistar "todos os espaços possíveis". Já para Jacó Bittar, o "poder no Brasil não mudou com a transição de Tancredo, mas só o governo que foi alterado".